

Eixo N°5: As soluções singulares e qual lugar para o diagnóstico diferencial?

Um diagnóstico que abre a porta à solução singular

Coordenadoras: Gabriela Cuomo (EOL) e Laura Valcarce (EOL)

Integrantes: Maximiliano Alessaco (Salta), Griselda Enrico (Bs. As.), Fiorella Garnero (Salta), Federico Giachetti (Buenos Aires), Valeria Lonardi (Entre Ríos), Veronica Pagola (Bariloche), Enrique Prego (Buenos Aires), Gustavo Saraceno (Mendoza), Silvia Salman (Buenos Aires), Laura Seppi (La Rioja), Mercedes Simonovich (Buenos Aires), Gustavo Slatopolsky (Buenos Aires), Gustavo Stiglitz (Buenos Aires), Natacha Zarzoso (Buenos Aires)

Singularizar tudo conservando o horizonte do tipo clínico – em toda a sua articulação, é o desafio de nossa própria despatologização¹.

O argumento do XI ENAPOL nos convoca a expor como aquilo que chamamos orientação pelo real está presente desde a primeira entrevista e como se inscreve hoje essa orientação diante das transformações de nossa prática, ali onde nos deparamos com as apresentações atuais que navegam entre as disrupções de gozo e o rechaço ao inconsciente transferencial². Nesse enquadre, começar a se analisar exige elucidar o que significa para um *parlêtre* se encontrar com um analista na época do Outro que não existe.

O eixo desta dupla conecta dois sintagmas: soluções singulares e diagnóstico diferencial. Como lemos essa articulação entre ambos? O trabalho coletivo desta equipe partiu de algumas perguntas: O que diagnosticamos? Qual a especificidade do diagnóstico na psicanálise, sua função na direção do tratamento e no início de uma experiência analítica? Retomamos do argumento a referência à psicose ordinária: O que podemos extrair desse campo como bússola para nossa prática hoje?

¹ Laurent, E., “La despatologización neuro del autismo y la nuestra”, Revista Lacaniana de Psicoanálisis, Año XVIII, nº 32, dez. 2022, Buenos Aires, Grama, p. 157. Tradução livre.

² Assef, J., Giraldo, M. H., Argumento. XI ENAPOL. Disponível em: <https://enapol.com/xi/pt/argumento-e-eixos-tematicos/>. Acesso em: 25/08/23.

A operação diagnóstica é inseparável da função do desejo do analista. Trata-se da entrada³ dessa função no encontro entre corpos que dá início à experiência analítica e das consequências que se desprendem para a direção do tratamento.

O lugar do diagnóstico... diferencial

Em 1973⁴ Lacan destaca que há tipos de sintoma, há uma clínica e nos adverte que “os sujeitos de um tipo, portanto, não tem utilidade para os outros do mesmo tipo⁵”. Assim, como um obsessivo não pode dar sentido ao discurso de outro obsessivo, “não existe um senso comum da histérica.⁶”.

O diferencial do discurso analítico, diante de outros discursos, é que exclui a dominação: o diagnóstico não abona a segregação nem as classificações, mas sim valoriza a dimensão de resposta do sintoma. Assim, no tempo inicial dos encontros com um analista se alcança uma dimensão ética para a direção do tratamento, na busca de localizar o cerne do incomparável⁷ de todo *parlêtre* sem se precipitar em nenhuma ontologia.

Já no início, Freud outorga importância ao diagnóstico: embora na primeira nosologia localiza à paranoia dentro do quadro das neuropsicoses de defesa, não deixa de se interrogar pelo caráter diferencial que revela a apresentação dos sintomas e pelo modo de resposta à intervenção do analista.

Com Lacan, em seu retorno a Freud, o significante Nome do Pai foi uma chave de leitura fundamental que orientou a clínica estrutural delimitando fronteiras segundo sua inscrição ou não, tornando legíveis os fenômenos clínicos em cada campo circunscrito. Com o inconsciente estruturado como uma linguagem, a exigência do transtorno da linguagem, como fenômeno elementar, abonou o diagnóstico de psicose como testemunho sobre a experiência do inconsciente a céu aberto. Já as formações do inconsciente como retornos do

³ Salman, S., “Cómo o analista entra”, *Ap/bertura*, Boletim do XI ENAPOL, nº #8, Disponível em: <https://enapol.com/xi/portfolio-items/ap-bertura-8-2/>, Disponível em: 25/08/23.

⁴ Lacan, J. (1901-1981), Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos, *In.: Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar Ed., 2003, pp. 550-556.

⁵ *Ibid.*, p.554.

⁶ *Ibidem*.

⁷ Miller, J.-A., “La era del hombre de cantidad”, *Todo el mundo es loco*, Paidós, Buenos Aires, 2023, p. 137. Tradução livre.

reprimido, em seu aspecto metafórico, comportavam uma mensagem a decifrar cuja significação se apresentava desconhecida para o sujeito.

O ordenamento de nossa prática, a partir do último ensino de Lacan, já não se orienta pela falta em ser, mas sim a dimensão do furo e o que ali se inscreve como suplência, contando ou não com a extração e localização do gozo no circuito falo-castração-objeto *a*⁸. Assim, no campo do gozo se abrem variações, tonalidades, nas quais o diagnóstico se aproxima como julgamento clínico que se apoia na leitura do detalhe ou do signo discreto e, também, dos efeitos que a intervenção do analista verifica no encontro dos corpos.

Em *Efeito retorno...*, ao situar a “desordem provocada na junção mais íntima do sentimento de vida⁹”, Miller estabelece uma diferença diagnóstica entre a neurose e a psicose ao se perguntar pela natureza dessa desordem que atinge também aos neuróticos: um sujeito histérico o experimenta na relação com o seu corpo, um sujeito obsessivo a experimenta em relação às suas ideias¹⁰. Em 1976, depois da apresentação do senhor Primeiro, Lacan se interroga porque o homem chamado “normal” não percebe que a fala é um parasita, que é uma forma de câncer pela qual o ser humano é afligido¹¹. Neste ponto, Miller assinala que nos servimos do “apaziguante desconhecimento da inversão que nos faz crer que falamos quando somos falados”¹². Todo ser falante está afetado pelo caráter parasita de *lalíngua* e padece a desordem que ela introduz.

Os pequenos índices e a tripla externalidade¹³ tornam-se bússola para situar essa desordem e o que opera como seu remendo. Trata-se de “distinguir o sinal discreto de e na solução engendrada por ela (...) o sinal pode se tornar discreto em razão da solução posta em jogo. Assim como se poderia dizer que há sinais discretos que não localizamos, haveria soluções

⁸ Miller, J.-A., *El Uno solo*. Classe de 4 de maio 2011. Inédito. Tradução livre

⁹ Miller, J.A., “Efeito retorno sobre a psicose ordinária”, *Opção Lacaniana on-line nova série*, Ano 1, nº 3, 2010. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_3/efeito_do_retorno_psicose_ordinaria.pdf, Acesso em: 25/08/23.

¹⁰ *Ibid.*, p. 14.

¹¹ Lacan, J., *O Seminário, livro 23: O sinthoma*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2007, p. 92.

¹² Miller, J.-A., “Lições sobre apresentação de doentes”, *Matemas I*, Rio de Janeiro, Zahar, 1996, p. 146.

¹³ Miller, J.-A., “Efeito retorno sobre a psicose ordinária”, *op. cit.*

discretas que não localizamos”¹⁴ Repará-las e recortá-las requer uma operação de leitura na qual se coloca em jogo o desejo do analista.

A preocupação intensa de uma jovem pela sua imagem permite localizar um signo discreto e uma solução singular a partir de uma contingência: o esquecimento de um delineador labial. Esse esquecimento põe em evidência que o recurso ao espelho reordena e constata a cada vez a imagem do sujeito que lhe serve para fazer laço. Relata ao analista que no momento de registrar o esquecimento soube que ia ser um dia difícil. Quando se distancia de seus amigos da faculdade para ir ao banheiro para verificar que seus lábios estejam bem delineados, se encontra com uma imagem que lhe produz muito mal-estar. Retorna à sala, mas não fala com mais ninguém durante o resto do dia. O relato dessa contingência e de seus efeitos, no enquadre da transferência, possibilita ao analista localizar o impasse do *parlêtre* e o recurso com o qual se conserva diante ele.

O encontro com um analista

Em todo início está presente a transferência, condição necessária da experiência analítica; pelo qual interrogar aquilo que diagnosticamos e o uso que fazemos disso não está fora do desejo do analista e de nossa transferência com o discurso analítico, a partir do qual operamos na experiência.

Propor os inícios da análise articulados à estrutura do desencadeamento¹⁵ ou por meio do franqueamento possível ao colocar o amorfo no discurso¹⁶ e a revelação, supõe uma lógica solidária de um Outro estável¹⁷, da qual o analista e o estabelecimento do Sujeito Suposto Saber são subsidiários. Já nas sessões atuais verificamos a prevalência de formas singulares de arranjos e desarranjos em torno de um gozo opaco, ilegível, que não chama ao Outro da transferência, não advêm sintoma charlatão nem consentem com o amor ao saber do

¹⁴ Ansermet, F. “Paradoxos dos sinais discretos na psicose ordinária”, *Opção lacaniana on-line, nova série*, Ano 7, nº 21, nov. 2016, p. 2. Disponível em: http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_21/Paradoxos_dos_sinais_discretos_na_psicose_ordinaria.pdf, Acesso em: 25/08/23.

¹⁵ Miller, J.-A., *Donc: La lógica de la cura*, Buenos Aires, Paidós, 2011, p. 299.

¹⁶ Miller, J.-A., *Perspectivas dos escritos e outros escritos de Lacan. Entre desejo e gozo*, Rio de Janeiro, Zahar, Ed. 2011.

¹⁷ Assef, Recalde, *op. cit.*

inconsciente. No entanto, como desabonados do inconsciente transferencial se dirigem a um analista com um penar demais¹⁸. Partimos do fato que o saber está do lado do sujeito, que o analista sabe que não sabe e que é conveniente à sua posição se deixar ensinar e se surpreender: da submissão completa às posições propriamente subjetivas do enfermo a seguir a pendente das palavras, o analista *é o que segue*¹⁹ e o analisante tem para dizer o que sabe. Além disso, é quem fazendo par com os casos que o ocupam, está convocado ao esforço de precisão que permite isolar a natureza diferencial dos fenômenos que se apresentam a ele.

Um menino de 3 anos chega para uma primeira entrevista. Movimenta-se como se o analista não existisse. O analista aproxima o seu rosto ao do menino, que insiste em não dar sinais do registro de sua presença e de uma só vez sopra com força o seu rosto fazendo um barulho ao soprar, parecido a um motor. Os cabelos do menino “voam” ao ritmo do vento que os agita; os olhos pestanejam no encontro com o sopro. Sua resposta imediata, um sopro curto e com ruído de motor constata o atravessamento da defesa, o consentimento a se deixar tocar pela manobra do analista; e seu lugar de marca primeira com estatuto de S_1 com o qual de agora em diante sustentará um “diálogo” fora de sentido em cada entrada da sessão. A partir do consentimento à presença de outro sustentado no sopro, o menino “busca” em cada encontro sua reedição para, a partir disso, responder nos mesmos termos, um som que toca o corpo e faz diferença absoluta com qualquer outro som que não foi recortado como presença do analista. Podemos considerar que a partir de uma suposição diagnóstica precoce, a manobra do analista, no mesmo movimento, abre a transferência e o posiciona como centro dentro do circuito do menino.

Um homem se apresenta padecendo da seguinte situação na sua vida: tem que ajudar a todos, não pode dizer não ao que lhe pedem. Esse sofrimento se apresenta a nível laboral, amoroso e familiar. Finalmente, nomeia a sua posição: “sou o salvador!”. Falar com o analista, deixar de falar sozinho sobre esse assunto, permite uma primeira vacilação através de perguntas: “o que faço aqui?”, “por quê fico sempre no mesmo lugar?”. Um sonho da conta da entrada do analista na vida do futuro analisante. Sonha que enquanto conta na sessão sobre suas façanhas e sacrifícios para salvar os outros, o analista o interrompe ficando em pé e dizendo: “eu, eu,

¹⁸ Tudanca, L., “De abonados y desabonados”, Textos de orientação XI ENAPOL. Disponível em: <https://enapol.com/xi/pt/portfolio-items/abonados-e-desabonados/>, Acesso em: 25/08/23.

¹⁹ Lacan, J., “Rumo a um significante novo”, *Opção Lacaniana, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, nº 22, ago. de 1998.

eu!”. Acorda rindo muito. Ao ser perguntado a respeito, responde entre gargalhadas: “eu digo que faço tudo pelos outros, mas eu também ganho o meu, isso me dá prazer”. O analista finaliza a sessão repetindo o gesto que foi atribuído a ele no sonho. Já no divã, na sessão seguinte, aparece pela primeira vez um sentimento de perda com o qual pode conviver sem o recurso de tapar, por meio da sua posição de salvador. Um começo.

Situar como entra o analista no mundo de quem o procura permite sustentar uma pluralização das entradas. A partir dessa colocação, a transferência se desdobra nas suas múltiplas valências como “[...] um conceito que perdura, seja como sujeito suposto saber, como secretário do alienado ou como *parceiro* do gozo²⁰”. Se o manejo do tratamento está condicionado pelo discernimento da estrutura do sujeito²¹, “não se faz cosquinhas em qualquer um²²”. A diferença entre as intervenções propícias a moderar um gozo desregulado e aquelas orientadas em direção à análise do recalcado é solidária desse discernimento e de suas consequências. A prudência, a paciência, o risco e a oportunidade convêm à formação do analista²³.

As soluções singulares

Soluções singulares é um sintagma que nos conduziu ao debate entre a despatologização da época e dos estilos de vida, e, nossa despatologização que sustenta a clínica universal do delírio como defesa contra o real, se separando de qualquer tentativa de dissolver a clínica. Essa clínica não elimina o esforço inevitável de inscrever cada solução singular no mapa de particular dos tipos clínicos.

O diagnóstico na psicanálise não se reduz de nenhum modo a uma classificação objetiva de manual, no sentido de que a inclusão do desejo do analista e a leitura da relação que um sujeito possui com o que diz, propõe uma trama complexa que assinala à emergência do real em jogo e da defesa com a qual o *parlêtre* se arranja diante desse impossível de suportar.

²⁰ Febres Cordero, M., “Ao início a transferência”, Textos de orientação XI Enapol. Disponível: <https://enapol.com/xi/portfolio-items/al-inicio-la-transferencia/?portfolioCats=147>. Acesso em: 25/08/23.

²¹ Maleval, J.C., “Elementos para una aprehensión clínica de la psicosis ordinaria”, Inédito. Tradução livre.

²² Clastres, G. *et al*, “Las presentaciones de enfermos: buen uso y falsos problemas”, *Psicosis y Psicoanálisis*, Manantial, Buenos Aires, p. 46. Tradução livre.

²³ Miller, J.-A., Apresentação do *O nascimento do campo freudiano*. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/gAVcOuaUyYM?feature=share>. Acesso em: 25/08/23.

Miller afirma: “Há sujeito toda vez que o indivíduo se afasta da espécie [...] do universal. É algo que é preciso recordar na clínica quando utilizamos nossas categorias e classes [...] não para descartá-las, mas para manejá-las tendo ciência do caráter pragmático, artificial. E assim não esmagar o sujeito com as classes que utilizamos²⁴”.

O termo solução, entre o Seminário 4 e o 23, entre o pequeno Hans e Joyce, compreende o sintoma como resposta. Entretanto, na perspectiva do último ensino, solução e *sinthome* são termos que Lacan põe em jogo como recursos do *parlêtre* diante do furo da inexistência da relação sexual. “Ali onde não há relação sexual, isso produz *troumatismo* [...]. A gente inventa o que pode [...] todos inventamos um truque para preencher o furo (*trou*) no Real²⁵”. A singularidade ligada à invenção e o truque, essa a qual “há que *suar*²⁶ até obtê-la na análise, deve ser articulada ao universal da inexistência da relação sexual e ao particular dos tipos clínicos²⁷.

Para concluir

Na época do empuxo à despatologização, não renunciamos à clínica. Sabemos que as categorias que utilizamos não têm um fundamento na natureza, mas sim na prática da conversação que sustentamos como praticantes²⁸.

A fineza na leitura dos detalhes recortada pelos psiquiatras clássicos na semiologia e nosologias psiquiátricas foi uma grande contribuição da qual Lacan se serviu desde o início de sua prática. Miller afirma que nas apresentações em Sainte-Anne, Lacan não renunciava em pronunciar as palavras ‘parafrenia e debilidade’ por temer colocar uma etiqueta, mas sim, ainda que as expressasse, afirmava: “mas ele é normal!²⁹”. Nesta linha destaca: “mesmo quando o quadro clínico se revela sem ambiguidade, e um diagnóstico pode ser determinado nos termos mais clássicos, alguma coisa permanece em suspenso quanto ao sentido³⁰”.

²⁴ Miller, J.-A., “O rouxinol de Lacan”, *Carta de São Paulo*, São Paulo, EBP-SP, vol. 10, número 5/6, Nov. 2003, p.27.

²⁵ Lacan, J., *Seminário 21*, Clase del 19 de febrero 1974. Inédito. Tradução livre.

²⁶ Lacan, J., “Solo vale la pena sudar por lo singular”, *op. cit.*, p. 11.

²⁷ Apresentação de Marina Recalde na Noite da Diretoria da EOL, *Todo el mundo es loco*, 6 de jul. 2023. Inédito.

²⁸ Miller, J.-A., “O rouxinol de Lacan”, *op. cit.*, p.25.

²⁹ Miller, J.-A., “Lições sobre apresentação de doentes”, *op. cit.*, p.139.

³⁰ *Ibidem*.

O esforço de formalização de cada praticante para encontrar a clínica psiquiátrica e a psicanalítica clássica³¹, com o desejo decidido de não ingressar no asilo da ignorância, torna possível servir-sedo diagnóstico diferencial para abrir a porta às soluções singulares do *parlêtre*.

Tradução: Ana Beatriz Zimmermann
Revisão da tradução: Cinthia Busato e Paola Salinas
Revisão: Luis Francisco Camargo

³¹ Miller, J.-A., “Efeito retorno sobre a psicose ordinária”, *op. cit.*